

A dama e o cavalo: um êxtase ritualístico de Clarice Lispector

Prof^a. Ms. Adriane Cherpinski (FAI)
Prof^a. Dr^a. Rosana Gonçalves (UNICENTRO)

Resumo:

Tem-se como foco de estudo duas obras literárias de Clarice Lispector, Água viva (1973) e o datiloscrito Estudo sobre cavalos, sem data de produção, encontrado entre os vários materiais da escritora alocados em seu arquivo na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, publicado em 1974 como Seco estudo de cavalos. As reflexões dialógicas giram em torno da figura obsessiva do cavalo, buscando identificar o processo de metamorfose desejada e sofrida pelas personagens de ambas as obras, que também são suas narradoras. Os aspectos metodológicos teórico-bibliográficos pretendem demonstrar que, embora o cavalo assuma simbologias variadas e complexas, nessas obras, suas manifestações se unem e revelam o instante-já, seja sob os raios dourados do sol ou sob as trevas noturnas, onde as narradoras evoluem da condição humana para a animalizada, num êxtase ritualístico. Os estudos comparativos fundamentam e permitem a análise dessa metamorfose, tendo em vista que os recortes apresentados justificam e orientam tal interpretação.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Cavalo, Metamorfose.

1 Considerações iniciais

Entre as sombras das trevas noturnas delineia-se uma majestosa e misteriosa silhueta. Não se sabe ao certo se de um cavalo ou de uma mulher. O calor daquele corpo exala a altivez e os segredos do instante-já, ora sinistro, ora doce... dialética intrínseca, fonte de paz e de conflito... Captar cada singularidade momentânea no acervo literário da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977) torna-se, assim, pois, um desafio. Desafio esse que se intensifica de forma inquietante nas obras *Água viva* e *Estudo sobre cavalos*, ou, mais especificamente, nas narradoras que se arrastam ao sabor de seus desejos, abandonando a condição humana para assumir a animalidade do ser que constitui um dos arquétipos fundamentais dentre os que a humanidade inscreveu em sua memória: o cavalo.

O objetivo deste estudo é estabelecer diálogo entre as obras *Água viva* e *Estudo sobre cavalos*, identificando analogias entre as narradoras no que se refere ao desejo de metamorfose equina.

Na esteira dos estudos comparados, a literatura se produz num constante dialogismo de textos por meio de retomadas, empréstimos e trocas, absorvendo analogias, parentescos e também influências (NITRINI, 2000), o que justifica e fundamenta um olhar mais atento sobre uma obra - *Água viva* – já explorada por alguns estudiosos em várias perspectivas em paralelo ao texto *Estudo sobre cavalos*¹, ambos de Clarice Lispector, tendo como fio condutor o cavalo.

A partir da leitura de *Estudo sobre cavalos* confirma-se que tal animal assume certa

¹ A autorização foi concedida pelo filho primogênito de Clarice Lispector, Paulo Gurgel Valente, legalizada por meio de Termo de Cessão, lavrado entre a pesquisadora e a Fundação Casa de Rui Barbosa em 03 de outubro de 2012, na cidade do Rio de Janeiro.

centralidade no universo literário de Clarice Lispector, o que motivou investir nesta pesquisa.

Cabe destacar que, curiosamente, um fato envolvendo um animal equino abalou um dos dias de produção de Clarice. O fato é descrito pela amiga Maria Bonomi, em entrevista a Julio Lerner:

- Eu estava hospedada na casa de minha mãe, no Rio, quando recebo um telefonema de Clarice me contando que havia uma mula na cozinha de sua casa! “O que é que foi, Clarice? No 7º andar? Eu não entendi... Você disse que tem uma mula dentro do seu apartamento? Eu estou ouvindo bem?” E ela, com a voz meio aflita... Aliás, ela não falava mula, ela gritava: “Um jegue, Maria. Tem um jegueiiii aqui em casa!!!”. O pobre do animal tinha caído no terraço do fundo quando um movimento fez desabar terra encosta abaixo... Foi uma coisa maluca, no 7º andar de repente lhe aparece um jegue dentro de sua própria casa... Claro... essas coisas só poderiam acontecer mesmo com Clarice... O animal teve de descer amarrado em cordas seguras pelos bombeiros... (BONOMI *apud* LERNER, 2007, p. 94).

Relatos biográficos à parte, embora sejam entendidos como coincidência, longe de mistificar a vida de Clarice Lispector, o cavalo é um animal recorrente em diversos textos de sua autoria, especialmente em *Água viva*, *Perto do Coração Selvagem* e *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, além do texto *Estudo sobre cavalos*.

2 Galopes na noite: diálogos da metamorfose de um desejo

As atividades de comparar obras artísticas são comuns desde a Antiguidade e apresentam amplo leque de possibilidades analíticas e dialógicas a partir de elementos comuns. Dentre as várias aproximações entre *Água viva* e *Estudo sobre cavalos*, restringiu-se a investigação sobre as acepções das narradoras em torno do cavalo.

Praz (1982), enfatiza a necessidade de entender a simbologia pois: “[...] as palavras assumem diversos significados [...] assim também os assumem as figuras simbólicas” (PRAZ, 1982, p. 02). Nesta perspectiva, torna-se indispensável explicitar as principais expressões simbólicas em torno do cavalo.

O cavalo engloba as noções de velocidade, imaginação e imortalidade. É uma personificação simbólica de força e vitalidade. “Já na arte das cavernas da era glacial os cavalos e bois selvagens representavam os motivos mais importantes da pintura” (BIEDERMANN, 1993, p. 78). A domesticação do cavalo ocorreu somente alguns milênios depois, na Europa oriental ou na Ásia central.

Concebido originalmente como animal terrível, muitas vezes o cavalo foi associado ao reino dos mortos e sacrificado aos defuntos, mas mais tarde, por sua velocidade e sua capacidade de saltar, torna-se símbolo do Sol ou animal de tração do *carro do céu* (BIEDERMANN, 1993, p. 79).

O cavalo está associado às trevas, conforme crença da memória de todos os povos onde surge galopante. É filho da noite e do mistério, sendo portador de morte e de vida no mesmo instante (CHEVALIER, 1999).

O final da noite conduz ao amanhecer e, nesse processo, o cavalo abandona suas sombrias origens. De lunar ele passa, à luz do dia, a apresentar-se com um branco e majestoso manto, sendo, portanto, solar, na esfera dos deuses bons e dos heróis, por isso

representa o instinto controlado, dominado, sublimado. Contudo, Chevalier (1999) lembra que o cavalo tenebroso prossegue sempre no interior do ser humano, que às vezes é bom e às vezes é mau:

O que é que faz o cavalo ser brilhante de cetim? É a doçura, não a piegas ou sentimental, mas aquela de quem assumiu o fulgor de vida – essa doçura se objetiva no seu pelo nu que deixa adivinhar os elásticos músculos ágeis e controlados (LISPECTOR, s/d, p. 01).

O cavalo participa simbolicamente tanto do plano ctoniano como do uraniano, o que não se passa despercebido na narrativa de *Estudo sobre cavalos*, pois ao mesmo tempo em que possui a doçura induzida à bondade, demonstra músculos fortes, anunciando que deve ser temido: “Todo cavalo é selvagem e arisco quando mal tocado por mãos de ...”² (LISPECTOR, s/d, p. 02).

Sob o olhar da psicologia, o cavalo é um ser nobre e inteligente, mas quando perturbado pode ser temeroso:

[...] o ‘id’ (a esfera dos sentidos) e o ‘ego’ são concebidos como cavalo e cavaleiro; em certas situações difíceis ocorrem sonhos com cavalos que dão coices às cegas, e que podem ter a função de exortar a integração entre as duas esferas da psique (BIEDERMANN, 1993, pp. 79-80).

O cavalo não é como um animal comum, ele é montaria, veículo, nave e, seu destino é inseparável do destino do homem.

Durante o dia o cavalo corre desenfreadamente, tendo como guia o cavaleiro que o conduz na direção que deseja; durante a noite a situação inverte-se, o cavaleiro torna-se cego e o cavalo assume a posição de guia, comandando a cavalgada. Cavalo e cavaleiro travam entre si importante animosidade que pode ser triunfante, mas, se entre ambos houver qualquer discordância, a loucura ou a morte podem ser certeiras. “as tradições, os rituais, os mitos, contos e poemas que evocam o cavalo, não fazem senão exprimir as mil e uma possibilidades desse jogo sutil” (CHEVALIER, 1999, p. 203). Portanto, não há esvaziamento de significados em torno da figura do cavalo.

A imagem do cavalo está atrelada às carruagens de casamento e às carruagens imperiais e funerárias. Também é o símbolo do guerreiro e, até mesmo, animal de guerra por excelência. O cavalo branco, imagem da beleza vencedora, é o símbolo da majestade.

3 *Água viva e Escritos sobre cavalos: o auge das exaltações instantâneas*

Clarice Lispector, um dos principais ícones da literatura brasileira, com amplo acervo de obras traduzidas para diversos países, possui suas especificidades próprias, muitas vezes contraditórias e paradoxais e, suscita, no meio acadêmico, inquietações que conduzem a questionamentos sobre a condição humana. Vários estudos buscam, nos lugares onde viveu e nas indagações sobre seu íntimo emocional e psicológico, sinais que demonstram sua condição irreverente de ser, pensar, agir e escrever, já que sua vida foi cercada por crenças, fantasias, dores e mistérios: “Simplesmente eu sou eu” (LISPECTOR, 1998, p. 95).

Suas obras, exploradas no âmbito nacional e internacional, despertam diversas inquietações e, justamente por serem obras abertas³, constantemente possibilitam

² Palavra ilegível no original.

³ A obra aberta é aquela que indica um interlocutor/leitor que pode guiar e manobrar uma obra, pois é um sujeito ativo que desenvolve suas ações. Como a obra aberta tem em sua essência a ambiguidade, é passível

novidades interpretativas. Neste leque de múltiplas leituras, detém-se no conto *Estudo sobre cavalos*, publicado em 1974 (um ano depois da publicação de *Água viva*), sob o título *Seco estudo de cavalos*, no livro *Onde estivestes de noite*. No entanto, neste estudo, buscou-se trabalhar com a versão original que antecedeu a publicação, o qual é datilografado e corrigido de próprio punho pela autora, e é guardado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Não consta data e nenhuma indicação temporal de sua gênese. O texto apresenta-se fragmentado e seus trechos são tão curtos e rápidos como o galope de um cavalo, percorrendo oito páginas, sendo que algumas se resumem em pequenas tiras de papel, amareladas pelo tempo.

O que se observa em *Água viva* e *Estudo sobre cavalos* é uma grande preocupação em fazer latejar o instante, o presente momento:

Mas de repente – no silêncio do sol de duas horas da tarde e quase ninguém nas ruas do subúrbio – uma parelha de cavalos desembocou de uma esquina. Por um momento imobilizou-se de patas semi-erguidas. Fulgurando nas bocas como se não fossem amordaçadas. Ali, como estátuas. [...] Instante imobilizado como por máquina fotográfica que tivesse captado alguma coisa que jamais as palavras dirão (LISPECTOR, s/d, p. 04).

As palavras, assim que registradas por meio da escrita, constituem um caminho que não existia antes e nem continuará existindo depois: é o instante presente, buscado insistentemente também em *Água viva*: “Quero escrever-te como quem aprende. Fotografo cada instante. Aprofundo as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Bachelard (2007), entende que “tudo quanto é simples, tudo quanto é forte em nós, tudo quanto é duradouro mesmo, é o dom de um instante” (BACHELARD, 2007, pp. 37-38). Assim, o tempo é o instante. É o instante presente que tem toda a carga temporal e apresenta ambivalências de longo alcance, com sentimentos contraditórios, que, vividos juntos imobilizam o tempo. As contradições são vividas num único instante.

Na visão de Nascimento (2012), Clarice Lispector tem contribuído em questionar os limites humanos em suas obras, em especial *Água viva* que “ficcionaliza certo não humano não como aquilo que ameaça o homem, mas, ao contrário, contribui para o ultrapasse das barreiras” (NASCIMENTO, 2012, p. 25). Essa acepção ancora também *Estudo sobre cavalos*, onde a espécie animal complementa a humana e vice versa: “[...] o cavalo é o que existe de melhor no ser humano. Tenho um cavalo dentro de mim que raramente se exprime. Mas ao ver outro cavalo, o meu se expressa” (LISPECTOR, s/d, p. 01).

Somando-se a isso, Sousa (2012) adjetiva *Água viva* como “ambígua”, pois detecta uma hesitação enunciativa articulada ao princípio da instantaneidade. Essa imensidão imediatista invoca o exterior para o interior, exposta nos dois textos abordados neste estudo. As narradoras assumem o papel de personagem principal, não são nominadas e vivem num mundo interior, imerso dentro do “eu”, ao entorno das quais os enredos irão se manifestar. Nesse sentido,

das mais variadas interpretações, encontradas em diferentes expressões artísticas. Por isso, a obra significa para o interlocutor independente das decisões conscientes ou psicológicas do autor. Para que uma obra de arte esteja concluída, é preciso tornar-se compreensível se aquele que a observa for capaz de “[...] a reinventar num ato de congenialidade com o autor” (ECO, 1991, p. 41).

a reinvenção do humano, como visto, depende necessariamente da intertroca com as formas vicinais: todos os viventes, como animais e plantas, bactérias e vírus (agentes de processos e mutações), até mesmo com o não vivo (objetos, pedras e coisas) (NASCIMENTO, 2012, p. 52).

E, assim, esse Éden reinventado compõe *Água viva* e *Estudo sobre cavalos* constituindo instantes, não de fatos, mas de sensações: “Tentando pôr em frases a minha mais oculta e sutil sensação – e desobedecendo à minha necessidade exigente de veracidade – eu diria: se pudesse ter escolhido queria ter nascido cavalo” (LISPECTOR, s/d, p. 02).

Inspirado na estética da recepção de Pareyson, Eco propunha interrogar a obra e não as próprias pulsões pessoais, numa dialética de “fidelidade e liberdade”. Na perspectiva da arte moderna, “[...] a ideia de que os signos literários são uma organização de significantes que, ao invés de servirem para designar um objeto, designam instruções para a produção de um significado” (ECO, 2008, p. 06). Assim, no ato da leitura, o leitor/interlocutor encontra pistas, direcionamentos sugeridos pelo autor que, articulados ao contexto social, cultural, histórico e literário, conduzem a determinada interpretação.

É nesta dimensão que, ao tomar como parâmetro os estudos comparados, identifica-se o diálogo, as analogias, os empréstimos, as retomadas e os parentescos a partir de *Água viva* e *Estudo sobre cavalos*, os quais demonstram relação intrínseca na enunciação do mundo natural, povoado por seus diferentes habitantes, vegetais e animais, o qual estabelece uma relação íntima fazendo, entre as palavras, brotar flores e abrigar espécies animais, estimulando efeitos sinestésicos relacionados a cores, sons, cheiros e texturas: “O que é que faz o cavalo ser de brilhante de cetim?” (LISPECTOR, s/d, p. 01), “O lugarejo então já misturava ao seu cheiro de estrebaria a consciência da força contida dos cavalos” (LISPECTOR, s/d, p. 08), “Como reproduzir em palavras o gosto? O gosto é uno e as palavras são muitas” (LISPECTOR, 1998, p. 46).

O foco narrativo de *Água viva* e *Estudo sobre cavalos* é subjetivo, apresentado na primeira pessoa do singular, explicitando a vida interior e as impressões psicológicas sobre o mundo de fora das narradoras/personagens. Há, ainda, recorrência de outras personagens em fatos observados nas duas obras, contudo, da mesma forma que surgem com a mesma incrível rapidez se dissolvem, não fazendo parte da narrativa por muito tempo.

Entre as diversidades naturais, nas duas obras, as referências especiais são para os bichos: “os bichos me fantasmizam” (LISPECTOR, 1998, p. 48) e, com tamanha intensidade que as mais diversas espécies habitam *Água viva* (cães, cavalos, lobos, tartarugas, entre outros) compondo uma fauna exuberantemente verbal e luxuriante, pois “todos os seres vivos, que não o homem, são um escândalo de maravilhamento” (Ibidem, p. 55). Em *Estudo sobre cavalos*, a espécie equina é o que motiva todo o enredo, tal como o próprio título anuncia, embora outras espécies sejam citadas, como gatos e cachorros.

Ao remexer e investigar o mistério das coisas e dos animais, as narrativas oferecem outras inquietações filosóficas sobre ser e agir; a liberdade individual é a que mais se destaca. Não a liberdade de ação política, mas a liberdade de maior essência: a liberdade do ser. Assim, a narradora de *Água viva* busca a cada instante se afirmar como um ser livre: “sou heroicamente livre” (Ibidem, p. 16). Acredita que encontrará a liberdade em meio à solidão: “sou sozinha, eu e minha liberdade” (Ibidem, p. 23).

Em *Estudo sobre cavalos*, a reflexão sobre liberdade move e fundamenta a narrativa, desde o cavalo livre, ou seja, ainda não domado e domesticado pelo homem:

O que é um cavalo? É a liberdade tão indomável que é inútil aprisioná-lo para que sirva ao homem: deixa-se domesticar mas com um simples movimento de rebelde safanão de cabeça, sacudindo a crina como a uma solta cabeleira, mostra que sua íntima natureza é sempre bravia, límpida e livre (LISPECTOR, s/d, p. 01).

A liberdade intrínseca do cavalo permite-lhe que seja sempre indomável assim como a narradora em sua infinita liberdade imaginativa se transforma no animal que mais admira, para desbravar os mistérios das trevas noturnas, afirmando: “[...] talvez o cavalo ele-mesmo⁴ não sinta o símbolo de vida livre que nós sentimos nele” (Ibidem, p. 02).

Embora o tempo em *Água viva* apresente-se mais acentuado no interior da narradora, pode-se dizer que também é cronológico, pois, a princípio, parece não durar mais que um dia. No entanto, no decorrer da narrativa, percebe-se outros dias, noites e madrugadas, uns próximos dos outros. Igualmente, em *Estudo sobre cavalos*, há referências a uma tarde ensolarada embora o tempo pareça congelar numa noite escura e misteriosa, entrecortada de memórias de tempos outroros da adolescência da narradora:

Já me relacionei de um modo perfeito com o cavalo. Lembro-me de mim-adolescente⁵. De pé com a mesma altivez do cavalo e a passar a mão pelo seu pelo lustroso. Pela sua agreste crina agressiva (LISPECTOR, s/d, p. 02).

O espaço na narrativa de *Água viva* e *Estudo sobre cavalos* é bem mais frequente e intenso no próprio interior psicológico das narradoras: “só no tempo há espaço para mim” (LISPECTOR, 2008, p. 10), assim, marcações temporais passam a caracterizar o espaço: “minha palavra estala no espaço do dia” (LISPECTOR, 1998, p. 17). Em *Água viva*, de modo geral, é possível aferir que durante toda a narrativa prevaleça como espaço físico a casa da narradora, no entanto, isto não encontra-se explícito em suas palavras. Esta conclusão surge dos comentários de que dorme, levanta para atender a porta, atende ao telefone, ouve o canto dos pássaros na varanda e ouve a empregada cantarolando na área de serviço. Entretanto, não há descrições minuciosas sobre nenhum destes espaços. No texto *Estudo sobre cavalos*, o espaço igualmente se reduz ao interior da narradora/personagem, a qual, ao deixar-se levar pelas lembranças cita, de forma breve, outros espaços: cidadezinha do interior com suas pequenas ruas e calçadas, fazenda e sua própria casa, porém, sem descrições pormenorizadas desses lugares.

4 Metamorfose galopante

No início do conto *Estudo sobre cavalos* encontram-se indícios de uma possível animalização da narradora, onde se coloca no lugar de um cavalo cego e capta as sensações interiores: “O que é que um cavalo vê que, não vendo, o torna perdido como de si mesmo? É que, quando enxerga, vê fora dele o que está dentro de si” (LISPECTOR, s/d, pp. 01-02).

Em seguida, ela demonstra a afinidade equina: “Eu me sentia como se alguém me visse de longe. Assim, ‘**A moça e o Cavalo**’⁶” (LISPECTOR, s/d, p. 02). É a partir dessa expressão que o dialogismo entre *Estudo sobre cavalos* e *Água viva* torna-se mais evidente. Note-se que a narradora denominou-se como “moça”, ao passo que a narradora de *Água viva* descreve-se “mulher”:

⁴ A expressão “ele-mesmo”, com hífen, consta tal como no original.

⁵ A expressão “mim-adolescente”, com hífen, consta tal como no original.

⁶ Grifos meus.

Já vi cavalos soltos no pasto onde de noite o cavalo branco - rei da natureza - lançava para o alto ar seu longo relincho de glória. Já tive perfeitas relações com eles. Lembro-me de mim de pé com a mesma altivez do cavalo e a passar a mão pelo seu pêlo nu. Pela sua crina agreste. **Eu me sentia assim: a mulher e o cavalo**⁷ (LISPECTOR, 1998, p. 50).

A narrativa *Estudo sobre cavalos*, dividida em seus dois tempos – dia e noite – aproxima-se de seu clímax ao surgirem as primeiras pistas de perigo nos mistérios da noite: “Podia-se ver o morno bafo úmido – o bafo radioso e tranquilo que saía das narinas trêmulas extremamente vivas dos cavalos em certas madrugadas frias” (LISPECTOR, s/d, p. 05).

A metamorfose inicial e mais evidente é a do próprio cavalo, o qual adquire comportamento agressivo durante a noite, abandonando a condição de condutor e carregador de cargas:

Mas à noite os cavalos liberados das cargas e conduzidos à ervagem galopavam finos e soltos no escuro. Potros, rocins, alazões, longas éguas, cascos duros – ou de repente uma cabeça fria e escura de cavalo: - os cascos batendo, focinhos espumantes erguendo-se para o ar em ira e murmúrio. E às vezes uma longa respiração esfriava as ervas em tremor (LISPECTOR, s/d, p. 05).

A narradora, ouvindo esse rumor dos cavalos, sente-se atraída: “eu adivinhava os cascos secos avançando até estacarem no ponto mais alto da colina” (Ibidem, p. 05). Essa descrição dialoga com o trecho de *Água viva* que descreve a pintura de uma gruta:

E se muitas vezes pinto grutas é que elas são o meu mergulho na terra, escuras nas nimbadas de claridade, e eu, sangue da natureza - grutas extravagantes e perigosas, talismã da Terra, onde se unem estalactites, fósseis e pedras, e onde os bichos que são doidos pela sua própria natureza maléfica procuram refúgio. As grutas são o meu inferno. [...] E tudo isso sou eu. Tudo é pesado de sonho quando pinto uma gruta ou te escrevo sobre ela - **de fora dela vem o tropel de dezenas de cavalos soltos a patearem com cascos secos as trevas**⁸, e do atrito dos cascos o júbilo se libera em centelhas: eis-me, eu e a gruta, no tempo que nos apodrecherà (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Observa-se que, nas duas obras, as situações se passam numa noite, não uma noite qualquer, mas em meio às trevas, onde as narradoras demonstram-se sentirem-se à vontade. Nem uma delas afirma ver os cavalos, apenas ouvem os galopes. A figura do cavalo noturno as seduzem.

O clímax da narrativa de *Estudo sobre cavalos* se dá nas trevas do quarto da narradora, a qual, inicialmente se sente amedrontada, sensação que logo se dissipa num sorriso maquiavélico: “que queria responder com as gengivas à mostra em relincho” (LISPECTOR, s/d, p. 05). Em seguida, ela descreve a própria metamorfose:

Na inveja do desejo o rosto adquiria a nobreza inquieta de uma cabeça de cavalo. [...] Mal eu saísse do quarto minha forma iria se avolumando e apurando-se, e, quando chegasse à rua, já estaria a galopar com patas sensíveis, os cascos escorregando nos últimos degraus da escada da casa.

⁷ Grifos meus.

⁸ Grifos meus

Da calçada deserta eu olharia: um canto e outro. E veria as coisas como um cavalo as vê (LISPECTOR, s/d, p. 05).

Sobre o homem metamorfoseado em cavalo, Chevalier (1999) define-o como “o possuído e o iniciado”. Essa afirmação baseia-se no estudo dos ritos Xamãs, onde o animal faz parte das práticas dionisíacas e, de modo geral, nos rituais de posse e iniciação. A inversão dos papéis entre cavalo e cavaleiro esboça-se também no Vodou haitiano e africano, no Zar da Abissínia e na Ásia Menor. “Em todas essas tradições, o homem, o possuído, transforma-se ele próprio em cavalo, para ser montado por um espírito” (CHEVALIER, 1999, p. 204).

É sobre essa perspectiva que a narradora de *Água viva* revela um mundo místico e sinistro em suas noites, confessando inclusive a prática de rituais:

Minha noite vasta passa-se no primário de uma latência. [...] Tenho o misticismo das trevas de um passado remoto. [...] Cercam-me criaturas elementares, anões, gnomos, duendes e gênios. Sacrifico animais para colher-lhes o sangue de que preciso para minhas cerimônias de sortilégio. Na minha sanha faço a oferenda da alma no seu próprio negrume. A missa me apavora - a mim que a executo. E a turva mente domina a matéria. A fera arreganha os dentes e galopam no longe do ar os cavalos dos carros alegóricos. Na minha noite idolatro o sentido secreto do mundo. Boca e língua. E um cavalo solto de uma força livre. Guardo-lhe o casco em amoroso fetichismo (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Nesse ambiente permeado pelo ocultismo a narradora de *Água viva* confessa seu fetiche: cavalos, os quais são admirados justamente pela liberdade deliberada, que coaduna nos dois textos em análise, onde as narradoras reconhecem e respeitam a condição selvagem e indomável: “Deixo o cavalo livre correr feroso [...] (LISPECTOR, 1998, p. 71). Essa afirmativa é reforçada: “Deixo o cavalo livre correr feroso. Eu, que trote nervosa e só a realidade me delimita (Ibidem, p. 19). Observa-se certa mutação nas palavras da narradora de *Água viva*, ao comparar sua corrida/trote com a do cavalo. As comparações entre a narradora e o animal equino são constantes: “Lembro-me de mim de pé com a mesma altivez do cavalo [...]” (Ibidem, p. 50).

Segundo Elias José (s/d), é comum, em arte, o ser solitário humanizar os animais para fazer deles ouvintes, companheiros. Mas a narradora de *Água viva* explica que possui outro método: “Não humanizo bicho porque é ofensa – há de respeitar-lhe a natureza” (LISPECTOR, 1998, p. 49). Ela inverte o processo: “eu é que me animalizo” (Ibidem, p. 49). Sua imersão ao mundo animalizado é tão profunda que confessa sua frustração ao “Não ter nascido bicho é uma minha secreta nostalgia” (Ibidem, p. 52).

Esse desejo desenfreado de se animalizar é enfatizado também pela narradora de *Estudo sobre cavalos*, como se fosse hipnotizada por tambores em um ritual onde se transforma em cavalo:

Se adormeço um instante, o eco de um relincho me desperta. E é inútil não ir. No escuro da noite o resfolegar me arrepija. Finjo que durmo mas no silêncio o ginete respira. Todos os dias será a mesma coisa: já ao entardecer começo a ficar melancólica e pensativa. Sei que o primeiro tambor da montanha do mal fará a noite, sei que o terceiro já me terá envolvido na sua trovoada. E no quinto tambor já estarei na minha cobiça de cavalo fantasma. Até que de madrugada, aos últimos tambores levíssimos, me encontrarei, sem saber como, junto a um regato fresco,

sem jamais saber o que fiz (LISPECTOR, s/d, p. 07).

Embora o desejo incontido em se metamorfosear em cavalo alimente esse ritual, a narradora de *Estudo sobre cavalos*, sabe que sua natureza é humana e está fora de seu alcance mudar isso definitivamente:

Da última vez [...] era tão grande a minha tristeza humana por ter sido o que eu não devia ser, que jurei que nunca mais. O trote porém continua em mim. Converso, arrumo a casa, sorrio, mas sei que o trote está em mim. Sinto falta dele como quem morre. Não, não posso mais deixar de ir (LISPECTOR, s/d, p. 07).

Ela hesita, tenta aceitar sua naturalidade, mas o desejo a arrasta apelando a um ritual que lhe possibilite a mutação para ser o que está latente no seu interior: um cavalo:

E sei que de noite, quando ele me chamar, irei. Quero que ainda uma vez o cavalo conduza o meu pensamento. Foi com ele que aprendi. Se é pensamento esta hora entre latidos. Começo a entristecer porque sei, com meus olhos – oh sem querer: não é culpa minha! – com meus olhos sem querer já resplandecendo o feitiço do regozijo – sei que irei. Quando de noite ele me chamar para a atração do inferno, eu irei. [...] Ninguém sabe, ninguém vê. Só os cães ladram pressentindo o sobrenatural. Apresento-me no escuro [...] (LISPECTOR, s/d, p. 07).

A noite constitui-se no período de transformação da narradora. Essa metamorfose parece ser desencadeada numa seita por meio de um ritual. De humana passa a cavalo, um ser noturno que desbrava as trevas e não teme os mistérios de um lugar sinistro como o inferno. Relutante, ela entrega-se ao sobrenatural e ao cavalo que ilustra a valorização negativa do animal, como visão terrível e pesadelo. Chevalier (1999) lembra que são os cavalos da morte ou do pesadelo que povoam o folclore céltico: são cavalos-demônios, almas penadas ou entes malditos que desviam o caminho dos viajantes ou os atraem para os pântanos. É preciso não esquecer que, no folclore, os cavalos veem e entendem.

Assim, nas despedidas do sol a narradora agitada prepara-se pois “A noite é a minha vida com o cavalo diabólico. A noite é minha vida, entardece, a noite pecadoramente feliz é a vida triste que é a minha orgia [...]” (LISPECTOR, s/d, p. 08). Orgia materializada no fetiche da metamorfose em cavalo.

Considerações finais

As acepções simbólicas multiplicam-se em torno da figura do cavalo tornando-se, por vezes, complexas. Complexidade essa singular na obra literária *Água viva*, de Clarice Lispector em leitura dialética com o conto clariceano *Escrito sobre cavalos*. É entre estes textos que a figura do cavalo adquire um sentido único, onde se humaniza com a mesma intensidade e rapidez que se animaliza atendendo narradoras que desejam e se permitem metamorfosear nas sombras da noite em busca de satisfação interior.

A mulher de *Escrito sobre cavalos* transforma-se em cavalo e vai ao encontro das sombras noturnas, deixando os seguros aposentos da casa para descobrir o mundo, aventurando-se animalizada. Este ato do ser humano sofrer metamorfoses adquirindo aspectos animalizadores é comum na literatura: Franz Kafka em *A metamorfose*, o personagem Riobaldo na obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, entre outros.

No entanto, Clarice Lispector fascina e, ao mesmo tempo desestabiliza o leitor, ao apresentar uma narradora que deseja ser da espécie equina, mas volta à condição humana.

Cada fragmento de *Escrito sobre cavalos* parece captar a dimensão do instante-já da cena: o brilho do pelo, o galope, o cheiro de estrebaria, situando o leitor na fronteira entre o real, lógico, racional, imediato explícito e uma intimidade secreta, revelando assim duas obras que não abordam fatos, mas sim sensações.

Os estudos comparativos fundamentam e permitem a análise dessa metamorfose, tendo em vista que os recortes apresentados justificam e orientam tal interpretação, tendo em vista que a liberdade que as narradoras acreditam ter é a do cavalo, pois se entregam à metamorfose... Elas não têm liberdade humana e sim animal...

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Trad. Antonio de Padua Danesi. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.

BIEDERMANN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos**. Trad.: Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 13 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DERRIDÁ, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GOTLIB, Nádia Battella; Equipe IMS. **A descoberta do mundo**. In.: Cadernos de Literatura Brasileira: Clarice Lispector. Edição especial, números 17 e 18. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles: dezembro de 2004.

JOSÉ, Elias. **Anotações sobre “Água Viva”**. CL 22 pit/CFRB/RJ. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, s/d.

LERNER, Julio. **Clarice Lispector: essa desconhecida**. São Paulo: Via Lettera, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Estudo sobre cavalos**. s/d. CL 33 pi. CFRB/RJ. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, s/d.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. Trad.: José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NASCIMENTO, Evandro. **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. São Paulo: Edusp, 2000.

PRAZ, Mario. **Literatura e artes visuais.** Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

SOUSA, Carlos Mendes de. **Clarice Lispector:** figuras da escrita. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

Autoras:

Rosana GONÇALVES, Prof. Dra.

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

rgon_1@hotmail.com

Adriane CHERPINSKI, Prof. Ms.

Faculdades Alto Iguaçu – FAI

adriane.cherpinski@hotmail.com